

A LÍNGUA EM SUA MATERIALIDADE DIGITAL

Cristiane Dias (Labeurb/Nudecri)

Introdução à análise

Para reflexão nesse texto, vou partir da premissa de que a língua em sua materialidade digital é outra.

É no território digital da Internet, uma das facetas do acontecimento tecnológico do século XX, que desenvolvo minha reflexão sobre a língua em seu funcionamento, analisando-a no espaço digital de salas de bate-papo, redes sociais, e conversas instantâneas.

O discurso sobre a língua nasce, na Internet, sobretudo, como uma reação a um modo de escrita que surge com a expansão da comunicação nas comunidades virtuais e redes sociais, o que, de modo geral, tem se chamado internetês e, de modo específico, encontra subdivisões, dependendo, sobretudo, do fator idade e tribo.

Partindo do pressuposto de que é o modo como o discurso circula e produz sentido num espaço determinado que o institucionaliza como um espaço de comunicação, entendo que a Internet, com sua linguagem própria, e eu falo aí de uma linguagem que “põe em relação sujeitos e sentidos” (e que transgride o representável sistema da língua), cria um paradigma outro para pensarmos a língua no que diz respeito ao seu movimento histórico, social, cultural. Histórico porque temos aí implicada toda a questão do surgimento e expansão da Internet; social porque com esse surgimento há um movimento social e urbano que desemboca na cibercultura, ligada às tribos e suas linguagens específicas.

No cerne dessas questões, vou pensar a língua, e o discurso que se produz sobre ela, em espaços digitais de constituição do sujeito, a saber, espaços nos quais o sujeito

pode “livremente” manifestar o seu desejo através da escrita, mas não qualquer escrita, falo da escrita instituída por aquele espaço específico de dizer, por aquele modo de dizer. Refiro-me ao 1) espaço de conversação (salas de bate-papo), 2) ao espaço destinado a postagem de scraps (Orkut), 3) ao espaço das conversas instantâneas (msn messenger). Meu intuito nessa reflexão é justamente mostrar que o sujeito e os modos de subjetivação é o que torna possível pensarmos a língua inserida em uma espacialidade que funda um modo específico de dizer.

A partir do resultado da análise dos scraps, conversas instantâneas e salas de bate-papo, vou discorrer sobre os aspectos que dizem respeito à manifestação do corpo na escrita digital, o que eu tenho chamado: “corpografia”.

Corpografia: a língua do afeto

Defino a corpografia a partir de dois critérios específicos da análise desses espaços digitais de constituição do sujeito: 1) a língua como processo criativo 2) o sistema irrepresentável da língua.

Esses dois aspectos dizem respeito ao pensamento de Deleuze (1993, 1988) sobre a noção de ‘estilo’ e sobre a noção de simulacro.

Para esse autor, o problema do estilo, no que concerne à escritura, toca diretamente o problema da língua. Daí a crítica de Deleuze à lingüística que concebe a língua como um sistema em equilíbrio, já que, para ele, a língua é, ao contrário do que diz a lingüística, um sistema em desequilíbrio. *É um sistema por natureza longe do equilíbrio*, e isso porque ter estilo é justamente tornar-se algo pela língua, pela palavra in-exata. O estilo é a criação de uma língua, de uma sintaxe, mas de uma língua (estrangeira) funcionando num sistema em desequilíbrio. Segundo Deleuze, há dois

aspectos que definem um grande estilo: 1) submeter a língua a um tratamento sintático original, contorcionante, deformador e 2) levar a linguagem até uma espécie de limite.

São esses dois aspectos do estilo que fazem gaguejar a língua, não ao sujeito, mas a língua. Para Deleuze (1993), “quando uma outra língua se cria na língua, é a linguagem inteira que atinge um limite “a-sintático”, “agramatical”, ou que comunica com seu próprio fora”¹ (p. 9). Ter estilo é levar a língua ao limite que a separa da música, e produzir com ela, música. Segundo Deleuze, há uma pintura e uma música próprias à escritura.

Nesse sentido, cabe dizer ainda que para Deleuze e Guattari, a noção de afeto é inseparável daquela do estilo. O afeto, para esses autores, não é o mesmo que afeição, mas o que se extrai da afeição. O afeto é aquilo que transforma. Que faz uma coisa tornar-se outra. Em outros termos, para passar da afeição ao afeto, é preciso tornar-se o objeto, por exemplo, a paisagem que contemplamos e que contempla em nós: ao mesmo tempo em que o ser torna-se paisagem a paisagem torna-se cor, monocromo, número, vida, letra.

Assim, pensar a corpografia é pensar uma língua que, pelo afeto, tornou-se corpo, porque ao inventar uma grafia o sujeito deixa vestígios de si mesmo, de suas sensações e sentimentos, no corpo das palavras. Conforma mostra Orlandi (2001), *a letra é o traço da entrada no simbólico. Traço que marca o sujeito enquanto sujeito, em sua possibilidade de autoria, frente à escrita* (p; 204). Através dessa “manifestação significante” (escritura) o sujeito segue em sua viagem (corpórea).

A escritura tem, pois, para o sujeito, o caráter de um devir, um fluxo, através do qual ele explora o desconhecido num “corpo simbólico” no qual se funde corpo, escrita e tecnologia.

¹ Tradução minha.

No meu entender, a velocidade do mundo vai produzir um deslocamento necessário na língua.

“O mundo da rapidez e da instantaneidade”², nas palavras de Augé (2003, p. 86) produz novas formas de escrita. Essa velocidade do mundo contemporâneo textualiza a própria velocidade do acontecimento na escrita. Nessa perspectiva, não entendo aí uma simples “economia de linguagem”, como o entende Robin (2004), mas sim uma linguagem que se faz numa velocidade tal que produz um clarão: o acontecimento, quando os corpos se encontram estilhaçando a língua e indefinindo o sujeito, o que não é o mesmo que indeterminá-lo³.

É nesse sentido que entendo o simulacro, partindo do pensamento deleuzeano. Não o remetendo a um real representado, mas a uma diferença que não se reduz à semelhança. Assim, concebo a identidade enquanto simulacro e não enquanto representação. Concebo a identidade (da língua) que procede de uma criação (Guattari, 1992), cujo paradigma é o do simulacro.

Insisto que sob a égide do simulacro não há correspondência entre a língua criada nos espaços de constituição do sujeito na Internet e a “língua imaginária” (Orlandi). Isso porque o processo de atualização dessa língua rompe com a semelhança e com o princípio de identidade. Por isso,

o que retorna não tem qualquer identidade prévia e constituída: a coisa é reduzida à diferença que a esquarteja e a todas as diferenças implicadas nesta e pelas quais ela passa. É neste sentido que o simulacro é o próprio símbolo, isto é, o signo na medida em que ele interioriza as condições de sua própria repetição. O simulacro apreendeu uma *disparidade* constituinte na coisa que ele destitui do lugar de modelo (Deleuze, 1988, p. 121).

² Tradução minha : Le monde de la vitesse et de l’instantanéité.

³ Sobre isso ver o texto L’immanence: une vie... in: *Philosophie*. N° 47, 1995, p. 5, de G. Deleuze.

É essa disparidade constituinte da escrita utilizada na Internet, especificamente nesses espaços de comunicação aos quais estou me referindo nesse texto, que sustento a premissa que deu origem a essa reflexão: a de que a língua em sua materialidade digital é outra. Assim, a língua formal é destituída do lugar de modelo para a escrita que se produz nesses espaços digitais, e isso ocorre em função de toda uma concepção de “Sociedade da Informação e da Comunicação”, atrelada a uma velocidade e a uma instantaneidade das relações, que se impõe a nós e que não podemos negligenciar quando se trata de pensarmos a língua/escrita em sua constituição material no espaço digital, em seu desequilíbrio, em sua “sintaxe em devir”⁴. Do devir-língua do corpo.

Bibliografia:

AUGÉ, M. 2003. *Le temps en ruines*. Paris: Galilée.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1995. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago.

DELEUZE, G. 1993. *Critique et clinique*. Paris : Les éditions de Minuit.

DELEUZE, G. 1988. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.

GUATTARI, F. 1992. *Caosmose : um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão. São Paulo : Ed. 34.

ORLANDI, E. 2001. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes.

ROBIN, R. 2004. *Cybermigrances: traversées fugitives*. Québec: VLB editeur.

⁴ A expressão é de Deleuze, 1993.